

Paraolimpíadas Atlanta 96

Segunda Guerra deu o pontapé inicial no esporte para portadores de deficiência

Aldo Miccolis

A pesar dos horrores que trouxe e dos milhares de mutilados e lesionados graves, a Segunda Guerra Mundial foi a mola propulsora do início das atividades esportivas para as pessoas portadoras de deficiências. Os primeiros praticantes de esportes - ingleses, holandeses e norte-americanos - jamais poderiam imaginar a importância daquela sua iniciativa para a vida futura de milhões de cidadãos deficientes espalhados pelo mundo.

A idéia desenvolveu-se rapidamente e caiu no gosto das pessoas com limitações físicas, sensoriais e congênitas: associações e clubes esportivos foram se multiplicando e o sucesso da iniciativa culminou com a realização da 1ª. Paraolimpíada, em 1960, em Roma, na Itália, em época próxima às Olimpíadas de Verão, disputadas por atletas não-deficientes. Na época, a ex-vítima de

poliomielite Wilma Rudolph (foto) transformou-se na grande estrela dos Jogos Olímpicos de Verão, ao conquistar três medalhas de ouro.

No Brasil, o primeiro passo em direção ao esporte para as pessoas portadoras de deficiências foi dado com a criação, em 1958, do Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro, e do Clube dos Paraplégicos, em São Paulo. Com as Paraolimpíadas de Heidelberg (Alemanha), em 1972, o Brasil deu início à sua participação neste que é o maior evento esportivo mundial voltado para os atletas portadores de deficiência. A partir daí, o país marcou presença em todas as Paraolimpíadas, sempre conquistando dezenas de medalhas de ouro, prata e bronze e estabelecendo vários recordes mundiais.

Assim como os atletas considerados normais, os deficientes participaram das Paraolimpíadas de Atlanta, encerradas no último dia 26, com os mesmos sonhos e ideais, provando mais uma vez que o esporte é o mais efetivo meio de reintegração social.

